

O CORPO NA IDADE MÉDIA: ALGUNS APONTAMENTOS

Luiz Alberto Ruiz da Silva
Maria de Lourdes dos Santos
Marcia Maria de Medeiros

Resumo: O artigo aqui apresentado é um estudo que procurou discutir sobre a história do corpo, especialmente na Idade Média, com a intenção de analisar os seguintes objetivos: refletir sobre a história do corpo, as suas deficiências e áreas de estudo, bem como determinar o quão foi possível quebrar alguns processos na forma como experimentar a subjetividade sobre o corpo na Idade Média até hoje, buscando evidências de possíveis continuidades e rupturas neste processo histórico. Assim, por meio da literatura, este trabalho procurou trazer dados e discussões sobre como foi construída a imagem corporal no período medieval.

Palavras-chave: Sociedade medieval, controle do corpo, história do corpo.

The body in the Middle Ages: some notes

Abstract: This study aims at discussing the history of the body, especially in the Middle Ages, intending to analyze the following objectives: to reflect on the history of the body, its shortcomings and study areas, as well as to determine how it was possible to break some processes in the way of experiencing the subjectivity on the body from the Middle Ages until the present, seeking evidence of possible continuities and ruptures in this historical process. Thus, by means of literature, this study sought to bring data and discussions about how the body image was built in the medieval period.

Keywords: Medieval society, body control, history of the body.

El cuerpo en la Edad Media: algunas notas

Resumen: El artículo que aquí se presenta es un estudio que trató de analizar la historia del cuerpo, especialmente en la Edad Media, con la intención de examinar los siguientes objetivos: reflexionar sobre la historia del cuerpo, sus deficiencias y áreas de estudio, así como determinar cómo era posible romper algunos procesos en la forma de la experiencia subjetiva del cuerpo en la Edad Media hasta la actualidad, en busca de indicios de posibles continuidades y rupturas en este proceso histórico. De este modo, a través de la literatura, este trabajo ha procurado introducir los datos y discusiones acerca de la construcción de la imagen corporal en la época medieval.

Palabras clave: Sociedad medieval, control del cuerpo, historia del cuerpo.

Introdução

O artigo ora apresentado é resultado de uma proposta que teve como intuito apresentar uma reflexão sobre a temática das questões relativas à história do corpo tendo como escopo principal de pesquisa a história do corpo na Idade Média.

Os objetivos da pesquisa foram: estudar a história do corpo a partir de algumas literaturas disponíveis tendo como base de análise os livros de história, buscando entender como se dá a transformação das questões relativas ao corpo no transcorrer da história. A ideia principal era perceber como o corpo foi e está sendo tratado ou representado pela sociedade, e se é 'ator' no quadro que compõe o processo de civilização ou se segue como um 'coadjuvante' no mesmo.

Os procedimentos metodológicos utilizados na efetivação desta pesquisa foram compostos por leituras teóricas, temáticas e metodológicas. Sendo assim, a metodologia desta proposta de estudo se baseou em pesquisa bibliográfica buscando verificar o que os autores têm escrito e discutido a respeito do tema.

Deste modo trabalhou-se, sobretudo, com a modalidade de pesquisa bibliográfica, a qual conforme Gil é (2008, p. 50) “desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Para este autor todo tipo de estudos exige, sobretudo em seu início este tipo de pesquisa, que deve ser obrigatória, e neste caso, utilizamos apenas as fontes bibliográficas.

Sendo assim, para a efetivação da escrita deste texto, utilizamos como recursos a pesquisa bibliográfica a partir de autores como Le Goff e Truong (2006), Corbin (2008); Duby (1994; 1995), Foucault (1987), entre outros pesquisadores da temática.

Por fim, cabe destacar que a escolha pela discussão do presente tema o corpo na Idade Média se deve ao interesse em saber como o corpo era tratado, como foi civilizado, como eram seus costumes e comportamentos nesse respectivo recorte temporal, o qual cabe dentro da perspectiva da longa duração já que este trabalho opta por apontar questões relativas ao corpo durante toda a Idade Média.

O artigo está organizado da seguinte maneira, após esta breve introdução para situar os leitores a respeito da pesquisa, na sequência traz uma discussão sobre o conceito de corpo no decorrer da história, prenunciando a Idade Média como foco de análise para posteriormente discutir questões referentes a prática de exercícios físicos naquele período. Por fim, apresentar algumas considerações como conclusões acerca da pesquisa aqui realizada e descrita nas páginas seguintes.

O corpo como espaço

O estudo da história do corpo é um campo vasto e percorre caminhos arriscados, pois constitui uma das “grandes lacunas da história, um grande esquecimento do historiador”, segundo Le Goff e Truong (2006, p. 9). Sendo assim, é necessário salientar que, mesmo que os estudos se restrinjam ao corpo humano, os caminhos para abordá-lo são os mais variados, podendo ser a partir da ótica da: medicina, arte, antropologia, educação física, entre outras, como a moda. Todas essas áreas do conhecimento apresentam novas formas de conhecer o corpo, além de “possibilidades inéditas de estranhá-lo”, conforme aponta Sant’Anna (2006, p. 3).

Some-se a isso, o fato de que o corpo é o espaço onde cada sociedade inscreve os gestos de um aprendizado internalizado durante um determinado tempo histórico. Daí o fato de sua materialidade concentrar e expor “códigos, práticas, instrumentos, repressões e liberdades” (SOARES, 2006, p. 109). Assim sendo, submetido a normas que o transformam, o corpo se torna a expressão de um texto que devemos compreender, revelando a maneira que uma sociedade tem de agir em um determinado momento histórico, e dentro de uma determinada ordem social.

O corpo pode se constituir em um excelente traço para se analisar as memórias de vida. Trata-se de um território com fronteiras muito frágeis que permeiam o biológico e o simbólico, visto que processa uma série de questões que tangenciam aspectos educacionais e de comportamento. Além de ser um espaço onde forças disciplinares criam e recriam zonas de conforto e de desconforto.

O mesmo pode se configurar um espaço revelador de inúmeros campos relativos a subjetividades e a fisiologia, mas pode ao mesmo tempo escondê-los. Daí a necessidade de pesquisá-lo, compreendê-lo e conhecê-lo em todos os seus elementos.

Sobre o assunto Denise Bernuzzi de Sant’Anna aponta que: “Pesquisar seus segredos é perceber o quanto é vão separar a obra da natureza daquela realizada pelos homens: na verdade, um

corpo é sempre ‘biocultural’, tanto em seu nível genético, quanto em sua expressão oral e gestual” (SANT’ANNA, 2006, p. 3).

Dentre as estruturas que acompanham o indivíduo desde o seu nascimento até a morte, o corpo é uma das mais importantes, caracterizando-se pela sua finitude e por transformações nem sempre desejáveis ou previsíveis¹. Por isso, pode-se afirmar que nem todas as pessoas estão acostumadas ou habituadas com seus corpos ou com seu desenvolvimento: o sujeito pode pensar ser agente de seu corpo, porém, seu conhecimento sobre o mesmo é bastante frágil e abstrato. Basta para referir a esse respeito articular questões referentes à fisiologia do exercício e do treinamento esportivo.

Esta referência aponta para uma premissa fundada em Aristóteles, a qual evidencia a questão do corpo enquanto potência e, que foi abordada por David Lapoujade que destaca que:

Segundo essa percepção, a potência é concebida como um ato virtual ou possível, e o ato, por sua vez, é concebido como uma potência atualizada, quer dizer, como uma forma determinada. [...] esta primeira distinção recorta outra distinção fundamental de Aristóteles: a distinção entre a matéria e a forma, a matéria como simples potência e a forma como ato puro. [...] É necessário, portanto, um terceiro termo que aja a forma na matéria: tal termo será o agente (LAPOUJADE, 2002, p. 81).

A história da humanidade permite perceber que houve várias tentativas no sentido de minimizar os efeitos desse desconhecimento em relação ao corpo, conforme preconizado por Foucault (1987), tornando-se necessário criar uma série de medidas no sentido de desvendá-lo e revelar seus mistérios. Com isto, verifica-se que se pode pesquisar o corpo sobre as mais variadas áreas do conhecimento como, por exemplo, saúde, educação e esporte, entre outros. Fica claro que uma questão norteia o trabalho, qual seja, entender como uma cultura ou um determinado grupo social cria maneiras de conhecer o corpo e de controlá-lo. Sobre o assunto, Michel Foucault em sua obra “Vigiar e Punir” enfatiza que:

o corpo é objeto de investimentos tão imperiosos e urgentes; em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações. Muitas coisas, entretanto são novas nessas técnicas. A escala, em primeiro lugar, do controle: não se trata de cuidar do corpo, em massa, *grosso modo*, como se fosse uma unidade indissociável, mas de trabalhá-lo detalhadamente; de exercer sobre ele uma coerção sem folga, de mantê-lo ao nível mesmo da mecânica – movimentos, gestos, atitude, rapidez: poder infinitesimal sobre o corpo ativo (FOUCAULT, 1987, p. 126).

A afirmação de Foucault abre espaço para a ideia histórica que acompanha o controle sobre os corpos humanos a partir da história, sua projeção e as técnicas que cada período utilizou para organizá-los e discipliná-los em seus mais variados sentidos: disciplina alimentar, disciplina sexual, formas para protegê-los das doenças, entre outras. É nesse contexto, que se pretende estudar o processo de disciplinarização e controle do corpo relacionado ao contexto do medievo.

Sendo assim, é preciso entender que o corpo possui um lugar inscrito dentro da cultura de um povo ou de um período histórico e nessa circunscrição estão postos aspectos como: desvios, excessos e faltas que pode cometer ou sofrer. Tais atos criam em relação ao corpo um conjunto de códigos e regras que deve seguir, as quais “são internalizadas por um meticuloso processo de educação” (SOARES, 2006, p. 109).

Desta maneira, entende-se que o corpo pode ser educado por uma realidade que o circunda e pelas coisas com as quais convive, além das relações que se estabelecem em espaços definidos e delimitados por atos de conhecimento.

Assim, o corpo constrói a sua materialidade e circunscreve seu retrato dentro de um ambiente social revelando a imposição dos limites sociais sobre si. Da mesma forma, são distinguíveis as limitações psicológicas que lhe são inerentes, dada uma forma de conduta que lhe é atribuída e/ou que o corpo se faz obrigado a seguir. Sobre o tema, Soares afirma que:

A partir dos desenhos que traçam no espaço com sua materialidade, os corpos e sua gestualidade podem permitir a compreensão de toda uma dinâmica de elaboração dos códigos a que devem responder, das técnicas, pedagogias e instrumentos desenvolvidos para submetê-los a normas (SOARES, 2006, p. 111).

Dentro dos pressupostos apresentados até aqui, cabe questionar: quais corpos eram considerados 'educados' ou 'dóceis' dentro do universo do medievo? Que tipo de materialidade social os coordenava? Esta era vinculada a que normatizações? Como esses corpos executavam a sua gestualidade? Quem os observava e em qual dimensão? Quais os preceitos que se seguia para se obter uma educação plena sobre os mesmos?

O corpo na Idade Média

O corpo na Idade Média é um espaço paradoxal: de um lado o cristianismo não deixa de criar sanções e atos repressivos a seu respeito, entendendo que o mesmo constitui o espaço do pecado e das tentações. Por outro lado, não deixa de ser sacralizado, principalmente em virtude da figura do Cristo cujo corpo representa uma aura sagrada, personificação carnal da figura do Deus Pai. Jacques Le Goff e Nicolas Truong explicam esse paradoxo da seguinte forma:

A humanidade cristã repousa tanto sobre o pecado original – transformado na Idade Média em pecado sexual – quanto sobre a encarnação: Cristo se faz homem para redimir os homens de seus pecados. Nas práticas populares, o corpo é contido pela ideologia anticorporal do cristianismo institucionalizado, mas resiste à sua repressão (LE GOFF; TRUONG, 2006, p. 35).

Deste modo, as práticas em relação ao corpo no medievo oscilam entre a Quaresma, ou seja, a purgação e a penitência; e o Carnaval, a festa da carne, a inversão da ordem e da moral. Tal processo está correlacionado com o lugar que o corpo ocupa na realidade do período.

Essa relação diz respeito à própria forma como essa sociedade se organiza a partir daquilo que foi chamado, por Georges Duby, de "imaginário das 3 ordens"². Cada um desses corpos ocupava um lugar predeterminado: o dos padres era um lugar considerado espaço do sagrado, dada a sua relação direta com o divino. O dos guerreiros era enobrecido devido a sua condição de grupo que suportava proezas de guerra e defendia essa sociedade da ação dos inimigos terrenos de Deus. E o dos trabalhadores era esgotado pela sua carga de trabalho. Cada um deles, assim como cada ordem, ocupava o seu espaço e seu lugar, sem buscar usufruir do espaço da outra.

Cabe salientar, que não foi a Idade Média que separou radicalmente o corpo da alma. Essa invenção corresponde ao século XVII conforme afirma Michel Foucault na obra "Vigiar e Punir"³. No

período medieval, o ser humano era concebido como um todo, ou seja, um corpo (material e mortal) e uma alma (imaterial e imortal), sendo, portanto indissolúvel.

Nesse sentido, se o corpo é um vetor do pecado original, também o pode ser da salvação, daí podendo entender-se porque esse corpo precisava ser constantemente corrigido e reprimido, no sentido de aperfeiçoar-se para alcançar a salvação⁴.

Na Idade Média, práticas que eram comuns na antiguidade greco-latina as quais envolviam o corpo são banidas, como: as termas ou banhos públicos, o teatro e o esporte. Os próprios espaços onde as atividades físicas aconteciam deixam de o ser para servirem de palco para disputas teológicas entre autoridades eclesiásticas. O esporte por excelência nesta época é a justa⁵ onde os cavaleiros exibiam a sua força e visavam capturar o oponente para obter algum tipo de ganho material.

O trabalho braçal, realizado pelos camponeses, pelos artesãos, enfim por qualquer estrato social que não pertencesse à nobreza fosse clerical ou não, era visto como uma espécie de castigo. De forma, que o exercício desta atividade possuía em si um aspecto negativo, muitas vezes associado à ideia contida no livro do Gênesis, segundo o qual ao ser expulso do Paraíso Adão foi condenado a ganhar a vida com o suor do próprio rosto⁶.

Assim sendo, o medievo percebe o corpo como sendo a um só tempo uma prisão e um veneno que corrói a alma. Se no Mundo Antigo, esse corpo era cultuado e tinha um lugar essencial na sociedade, o que pode ser comprovado por eventos esportivos como os Jogos Olímpicos, na Idade Média o processo se inverte e o corpo perde o lugar central na vida social. A contribuição da Igreja nesse aspecto é fundamental, visto que a partir de então, se inaugura o ascetismo, ou seja, o rigor no tratamento e na disciplinarização do corpo⁷.

A prática do ascetismo está relacionada a dois pontos principais: renúncia a qualquer tipo de prazer (alimentar, sexual, etc.) e luta contra as tentações que possam levar o corpo ao pecado (daí a ideia da mortificação e do flagelo deste corpo para evitar que o mesmo caísse em tentação). A origem desse processo está na ação dos primeiros monges que viviam nos desertos do oriente e que praticavam a mortificação física. No mundo ocidental, os mosteiros minoraram a violência que era cometida contra o corpo, porém apenas no sentido de moderá-la.

O 'desprezo pelo mundo' continuava a serem palavras de ordem e, nesse sentido, as privações e atos de renúncia como o jejum ou a imposição de sofrimentos voluntários como o uso do cilício⁸ eram práticas comuns. Além do jejum e do cilício podem ser citadas como práticas ascéticas a flagelação, a vigília e dormir diretamente sobre o chão sem nenhum tipo de forração. A ideia contida por trás desse processo de mortificação é aproximar o corpo dos fiéis do corpo mais que perfeito, representado pela imagem do Cristo Sofredor.

Cristo é um grande paradoxo dentro deste contexto, pois é preciso considerar que "a prática cristã é fundada sobre o sacrifício de uma vítima, santa, mas ensangüentada" (LE GOFF; TRUONG, 2006, p. 39). Deste modo, a prática eucarística renova o sacrifício do indivíduo que concede seu corpo e seu sangue, conforme informa Jesus aos seus discípulos durante a Última Ceia. Daí ser possível afirmar que a liturgia principal do cristianismo tem como fundamento um sacrifício de sangue.

No 'além' esse corpo vai ser reencontrado, seja para sofrer no Inferno, seja para celebrar no Paraíso onde os cinco sentidos estarão em festa: o tato que poderá tocar o ar precioso do céu; a visão

que gozará da plenitude de Deus e da luz celeste; o olfato que sentirá o perfume do lugar; a audição que ouvirá a música dos coros angélicos; e o paladar que degustará o sabor do maná celestial.

Dessa forma, o Cristianismo concedeu uma justificação transcendente à sociedade, cuja fundamentação está embasada na Bíblia e na teologia, a partir da interpretação de textos como o Gênesis, o qual escreve sobre o Pecado Original; e os ensinamentos de figuras como Paulo e outros padres da Igreja, como Santo Agostinho e Tomás de Aquino. Ademais, transformou uma tendência em comportamento da maioria ou pelo menos das classes dominantes (aristocracia laica e clerical).

Sobre o assunto, Le Goff e Truong demonstram que:

A Idade Média dará um impulso muito mais forte a essa depreciação corporal e sexual por meio de seus ideólogos, na seqüência de Jerônimo e Agostinho, como Tomás de Aquino, assim como por seus praticantes, os monges, que irão instalar por muito tempo na sociedade o elogio e a prática, globalmente respeitada, da virgindade e da castidade (LE GOFF; TRUONG, 2006, p. 49).

A partir da ação desses intelectuais e das práticas seguidas pelos monges criou-se um quadro conceitual que definiu um vocabulário em relação aos comportamentos e a sua relação com o corpo. E também classificou e definiu os padrões de certo e errado, belo e feio. Bem como, todas as outras oposições no que tangencia ao trato com o mesmo, criando uma ferramenta de controle social e ideológico rigorosa, mantida pela Igreja e pelo poder leigo a seu serviço. Esse contexto, se enquadra no processo conceitual construído por Michel Foucault em “Vigiar e Punir”, em que o autor afirma: “Trata-se de recolocar as técnicas punitivas – querem elas se apossam do corpo no ritual dos suplícios, quer se dirijam à alma – na história desse corpo político” (FOUCAULT, 1987, p. 30).

Deste modo, o discurso clerical mostrou uma sociedade exemplar que se constituiu a partir de um novo modelo corporal o qual se projetava dentro de um modelo ideal, cuja base estava no ascetismo monástico. A primeira grande novidade desse discurso foi relacionar o corpo (entendido aqui como a carne) e o pecado, a partir da ideia do Pecado Original cometido por Eva. Daí entender a autoridade suprema que o texto bíblico possui neste contexto, pois as possibilidades interpretativas que oferece se prestam a criação e organização de imagens de todos os tipos, desde a sublimação do corpo até a sua condenação.

Pode-se afirmar que o medievo vivenciou e experimentou a tensão entre o corpo glorificado e o corpo reprimido, a qual se estende por todos os domínios da vida social. Sobre o assunto Jacques Le Goff e Nicolas Truong assinalam que:

A tensão se manifesta entre a espiritualidade e a atividade, como testemunha, nos textos dos Evangelhos, a figura de Maria, a contemplativa, oposta à de Marta, a trabalhadora. As ordens monásticas chegam até a criar um tipo de sociedade cindida entre os monges em tempo integral, voltados para a vida espiritual, e os irmãos leigos ou convertidos, religiosos de segunda ordem que asseguram a subsistência do grupo através do trabalho manual (LE GOFF; TRUONG, 2006, p. 67).

No entanto, é preciso considerar que a Igreja, embora tentasse viabilizar maneiras de controlar o corpo durante o período medieval, verificou a dificuldade e mesmo a impossibilidade de controlar completamente as tensões das quais as vivências relacionadas ao mesmo eram oriundas.

A prática de exercícios físicos no período medieval

Mais uma vez, cabe ressaltar o papel da Igreja que por cerca dos mil anos que constituíram o medievo, buscou várias formas para codificar e arregimentar os elementos relacionados ao corpo. Herdou muitas práticas e comportamentos oriundos da Antiguidade Clássica os quais negou. Entretanto, elementos de resistência serão percebidos neste contexto, conforme afirma a citação abaixo:

O cristianismo instituído e a sociedade de corte nascente vão 'civilizar o corpo' através da instituição das boas maneiras. Entretanto, o corpo resiste. No universo das margens e das narrativas literárias em que o erotismo e a nudez, por exemplo, se fazem ver. Nas festas populares em que os homens se divertem. No imaginário do país da Cocanha. (LE GOFF; TRUONG, 2006, p. 133).

Entre os espaços utilizados pela Igreja para tentar disciplinar esse corpo tantas vezes rebelde, está o espaço que tangencia as práticas esportivas. Em sendo o medievo, o espaço das catedrais góticas, dos romances de cavalaria e da filosofia de Santo Agostinho e de Tomás de Aquino, há que se perguntar onde fica, neste contexto, a prática do exercício físico.

Uma questão é certa: o exercício físico na Idade Média não tem relação com o esporte do Mundo Antigo⁹, nem com as práticas relacionadas a essa atividade existentes no Mundo Contemporâneo¹⁰. Assim, pode-se afirmar que o que é considerado esporte durante o medievo não apresenta “nem o caráter de referência à sociedade de organização institucional, nem as condições econômicas que foram as do esporte na Antiguidade ou quando de seu renascimento, no século XIX” (LE GOFF; TRUONG, 2006, p. 149). Porém, os exercícios físicos tiveram suma importância no transcorrer do medievo. Podendo mesmo ser entendidos dentro do contexto que Elias denominou como sendo o “processo civilizador” (ELIAS, 1995, p. 36), o qual consiste, sobretudo, em ações cujo intuito é o de civilizar o corpo e/ou condicioná-lo.

Uma das primeiras características dos exercícios físicos medievais consiste na separação das atividades de acordo com a ordem social a qual pertence o sujeito. Assim, a nobreza se dedicava aos jogos e as atividades que envolviam a cavalaria, os quais objetivavam a formação militar; e os jogos populares. Tal distinção social manifestava-se em primeiro lugar nos torneios, os quais requeriam muita organização e tinha intrínseca a sua realização, motivações econômicas semelhantes às solicitadas pelo esporte atualmente.

No que tange a população em geral, há que se considerar que suas práticas esportivas envolviam também um aspecto guerreiro, ou pelo menos, indicavam ações inerentes a combates de defesa, reagrupando-se em torno de lutas.

Le Goff e Truong, sobre esse assunto destacam que “as coletividades medievais praticam igualmente outros jogos, que se tornarão, com a competição e a codificação, ‘esportes’” (LE GOFF; TRUONG, 2006, p. 150). Os autores se referem basicamente aos jogos ancestrais do tênis, chamado no período de jogo da péla¹¹; e ao *soule*, um jogo que pode ter originado o futebol.

Mesmo caracterizando-se por ser um período de extrema contemplação dado o grande número de atividades e manifestações religiosas, o medievo também abriu espaço para o corpo em movimento.

E é preciso salientar todas as dimensões dessas manifestações que implicam em gestos e

jogos as quais aparecem como importantes ações ligadas às práticas do corpo. Tais atividades eram realizadas em espaços abertos, pois não existiam ginásios, quadras, ou qualquer espaço específico reservado para tais práticas.

Seja em campo aberto, seja nas ruelas dos vilarejos, nas praças, qualquer espaço improvisado servia de terreno e cenário para o desenrolar das atividades referentes ao exercício do corpo. Hoje em dia, é possível ver a continuidade desses exercícios e jogos medievais em atividades realizadas como brincadeiras nas escolas, a saber, jogos como o cabo de guerra.

Como ressaltado no parágrafo anterior, a atividade física no medievo não está relacionada à atividade física ocorrida na Antiguidade. Dessa forma, após as mesmas terem sofrido uma espécie de eclipse durante o período medieval, alterações sociais e culturais explicaram o seu ressurgimento no século XIX: uma delas pode ser percebida na questão da concorrência a qual ultrapassa o processo da revolução industrial e vai além da economia. Nesse contexto de competitividade, surgiram os esportes coletivos como o futebol e o rúgbi (ambos de origem inglesa, mesma nacionalidade da revolução industrial) os quais se estendem por toda a Europa¹².

Somado a esse aspecto existem o desenvolvimento de outras práticas como a ginástica (cuja origem primordial está nos países germânicos e escandinavos). Esse exemplo acompanha uma nova cultura, a qual está diretamente ligada aos princípios higienistas do século XIX e ao conceito de performance esportiva, atitude mais individual (daí sua relação com o atletismo e com a ginástica) do que coletiva. Assim, percebe-se paulatinamente o retorno da ideologia antiga que previa uma mente sã em um corpo sã, mas agora sob nova roupagem.

Le Goff e Truong (2006) percebem nesse contexto, um conjunto de fatores econômicos, sociais, simbólicos e políticos que contribuem para desenvolver no século XIX uma ideologia que salta por sobre os aproximadamente 1000 anos do medievo, ligando-se ou pretendendo se ligar, às práticas e ideologias da Antiguidade clássica. Tal processo resultará nos primeiros Jogos Olímpicos da era moderna, em 1896.

Considerações finais

Se no Mundo Antigo o corpo ocupava um lugar de destaque em decorrência da importância relacionada ao mesmo, a qual pode ser percebida em práticas como os Jogos Olímpicos, o medievo assistiu a um acontecimento capital na história do corpo, o qual também possui a sua importância, qual seja, a encarnação de Jesus. O Filho de Deus, agora com a luta dos cristãos contra os impuros (sobretudo mouros), havia tomado a forma do corpo de um ser humano.

Mas não somente isso: esse Deus encarnado que havia vencido a morte e com sua ressurreição fundou o dogma da ressurreição dos corpos, crença até então desconhecida no mundo das religiões e religiosidades. No 'além' esse corpo ressuscitado viveria a máxima das tensões: ou sofre eternamente no Inferno, ou goza dos prazeres do Paraíso. Daí se poder afirmar que o corpo na Idade Média apresenta-se como um espaço de tensão o qual oscila entre a repressão profunda e a exaltação; entre a veneração e a humilhação.

Durante o medievo, o corpo constitui-se em uma metáfora que descrevia a sociedade e as instituições. Isso se sacralizou a partir do momento em que se construiu uma imagem de Cristo cujas

características físicas são claramente europeias: olhos e cabelos claros, pele branca. Essa representação passou a ser sinal de identidade corporal da nobreza, sendo o seu oposto a marca distintiva da camada popular, que apresentava a mesma como desígnio da sua função nessa terra por conta dos desejos de Deus. Ou seja, o corpo descrevia a sociedade e as suas instituições, tornando-se um símbolo de coesão, ordem e vida orgânica manifesta.

É evidente que o corpo é hoje um dos espaços onde a rápida metamorfose do mundo contemporâneo deixa suas marcas: questões envolvendo a genética, problemas relacionados a enfermidades incuráveis e a bacteriologia. O surgimento das epidemias modernas e das novas formas de dominação no mundo do trabalho mostra que um estudo da história do corpo na Idade Média, permite conhecer um pouco melhor esse tempo, “tanto por suas convergências surpreendentes como por suas irreduzíveis divergências” (LE GOFF; TRUONG, 2006, p. 32).

Durante a realização da pesquisa e elaboração deste artigo, ficou claro que o corpo constitui-se em um espaço de tensões dentro do transcorrer do tempo histórico e essas tensões geram formas de entender esse espaço manifesto. Bem como formas de discipliná-lo a partir de elementos, representação e símbolos, nos quais manifestam as formas de agir e de ser que cada sociedade e cada época possuem, em relação ao mesmo. Lembrando mais uma vez que a ideia de representação aqui utilizada remete a Roger Chartier na obra “El mundo como representación” (1996). No que tange ao processo do simbólico, ver a obra de Jean-Yves Leloup, “O Corpo e seus Símbolos” (2012).

E pode-se perceber que nesse espaço manifesto e em perpétuo movimento existem marcas que são inerentes a tempos passados as que retém ainda na contemporaneidade, alguns traços, demonstrando que esse corpo é a um só tempo testemunho histórico e lugar de memória.

Deste modo, o corpo constituído enquanto objeto de análise deste período, segue, pois como seu movimento o qual irá deixar grandes contribuições para o mundo contemporâneo, começando pela noção de civilização da qual esse universo herdou alguns traços. E conclui-se que a tensão que atravessa o corpo durante o período medieval permanece de certa forma, viva em práticas que o mundo atual ainda conhece como a penitência, o ascetismo em suas diferentes formas, a mortificação e o jejum por exemplo.

Notas

¹ Ao longo do tempo o indivíduo pode engordar, emagrecer, apresentar diversas formas de doenças e desenvolver várias formas de intolerâncias, além de ter a alteração de seu sistema biológico e seu ritmo, acontecendo de forma natural devido ao envelhecimento. Some-se a isso o fato de que o ser humano pode sofrer com outras questões como baixo desenvolvimento corporal, acidentes que provoquem amputações e/ou mutilações de membros ou doenças que resultem em deformidades corpóreas. Algumas dessas mudanças podem ser feitas propositalmente como as que ocorrem nos chamados *body builders*, que modificam seus corpos por meio de exercícios físicos. Intervenções cirúrgicas de cunho estético ou não também podem ser consideradas elementos de transformação do corpo, entre outros.

² Para o autor, a sociedade medieval era uma sociedade de ordens e não de classes. Ou seja, o indivíduo nascia dentro de uma ordem seguindo um processo preestabelecido por Deus e sua condição era imutável, não havendo, portanto, possibilidade de ascensão social.

³ “Se não é mais ao corpo que se dirige a punição, em suas formas mais duras, sobre o que então, se exerce? [...]. Pois não é mais o corpo, é a alma. À expiação que tripudia sobre o corpo deve suceder um castigo que atue, profundamente sobre o coração, o intelecto, à vontade, as disposições” (FOUCAULT, 1996, p. 20 e 21).

⁴ Não se pode esquecer que na Idade Média, o ideal está posto na imaterialidade e no mundo do além. O ser humano é um caminhante nesta terra, rumo a Jerusalém Celeste. Se o corpo é a um só tempo espaço do material

e do imaterial, ele deve ser constantemente punido no sentido de que se torne cada vez mais próximo da imaterialidade e, conseqüentemente, da perfeição.

⁵ A justa é uma espécie de torneio envolvendo cavaleiros armados. Georges Duby na obra *Guilherme Marechal, ou o melhor cavaleiro do mundo*, afirma que tratava-se de uma imitação da guerra.

⁶ Gênesis, 3:19.

⁷ Sobre o assunto ver: Corbin (2008).

⁸ O cilício poderia ser uma túnica, cinto ou um cordão de crina o qual se trazia diretamente sobre a pele para mortificação do corpo ou penitência. Atualmente ainda é utilizado, empregando-se uma pequena corrente ou cinturão metálico dotado de pontas os quais são amarrados em torno na coxa ou na axila. As pontas provocam ferimentos superficiais que não chegam a sangrar, mas que deixam marcas visíveis. Entre os carmelitas sua prática é prescrita nas regras da ordem. Sobre o assunto ver: Regra da Ordem do Carmo. Disponível em: <http://www.carmelo.com.br/default.asp?pag=p000067>. Acesso em: 21 set. 2013.

⁹ Entendido aqui como as atividades físicas realizadas pelos gregos, caracterizadas por eventos como os Jogos Olímpicos.

¹⁰ Entende-se aqui tais práticas por exemplo lutas e danças, como foram codificadas desde o século XIX.

¹¹ A péla ainda era jogada na Europa no século XIX. Há registros que demonstram a importância desse jogo para as crianças carentes de países o leste europeu, como a Bulgária. Sobre o assunto ver: Molnar (2005).

¹² Sobre o assunto ver: Le Goff e Truong (2006).

Referências

BÍBLIA de Estudo Aplicação pessoal. São Paulo: CPAD, 1995.

CHARTIER, Roger. *El mundo como representación*. Madrid: Gedisa, 1996.

CORBIN, Alain (Org.). *História do corpo*, v. 1, Petrópolis: Vozes, 2008.

DUBY, Georges. *As três ordens ou o imaginário do feudalismo*. 2 ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.

DUBY, Georges. *Guilherme Marechal, ou o melhor cavaleiro do mundo*. Rio de Janeiro: Graal, 1995.

ELIAS, Norbert. *O Processo civilizador*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 1987.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas 2008.

JARDIM, Alex Fabiano Correia. Michel Foucault e a Educação: O investimento político do corpo. *Unimontes Científica*, Montes Claros, v. 8, n. 2, p.103-117, jul./dez. 2006.

LAPOUJADE, David. O Corpo que não aguenta mais. In: LINS, Daniel e GADELHA, Sylvio (Org.). *Nietzsche e Deleuze: que pode o corpo*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto, 2002, p. 81-90.

LE GOFF, Jacques e TRUONG, Nicolas. *Uma história do corpo na Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LELOUP, Jean-Yves. *O corpo e seus símbolos*. Petrópolis: Vozes, 2012.

MOLNAR, Ferenc. *Os meninos da rua Paulo*. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

REGRA DA ORDEM DO CARMO. Disponível em: <http://www.carmelo.com.br/default.asp?pag=p000067>. Acesso em: 21 set. 2013.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. É possível realizar uma história do corpo? In: SOARES, Carmen Lúcia (Org.). *Corpo e História*. 3 ed. Campinas: Autores Associados, 2006, p. 3-24.

SOARES, Carmen Lúcia. Corpo, conhecimento e educação: notas esparsas. In: _____ (Org.). *Corpo e História*. 3 ed. Campinas: Autores Associados, 2006, p. 109-130.

Recebido em: out. 2015.

Aceito em: jan. 2016.

Luiz Alberto Ruiz da Silva: Pós-Graduação em Ciências do Envelhecimento Humano pela Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS). E-mail: luizalbertoruiz91@gmail.com.

Maria de Lourdes dos Santos: Doutora em Sociologia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Docente da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). E-mail: marialourdes@ufgd.edu.br.

Marcia Maria de Medeiros: Doutora em Letras pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Docente da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). E-mail: marciamaria@uems.br.